



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Saúde
Subsecretaria de Promoção, Atenção Primária e Vigilância em Saúde
Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade

YASMIN DE OLIVEIRA MERQUIDES

**É TEMPO DE AQUILOMBAR: VIVÊNCIAS DE ENFERMEIROS NEGROS
EM UM PROGRAMA DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO DO RIO DE
JANEIRO**



Rio de Janeiro

2023

**É tempo de Aquilombar: Vivências de Enfermeiros Negros em um
Programa de Residência no Município do Rio de Janeiro**

Trabalho apresentado como requisito para obtenção do título de Enfermeiro Especialista no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem de Família e Comunidade da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

Orientadora: MSc. Cristiane Teixeira da Silva Vicente

Rio de Janeiro

2023

*“A Terra é meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu
estou, eu sou.” - Beatriz Nascimento*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha imensa gratidão a todos que contribuíram para a conclusão desta especialização e deste trabalho.

Agradeço antes de tudo ao Pai Maior, aos meus Orixás que iluminam meu ori e a todos os meus guias que me acompanham, me dão força e caminho para seguir meus sonhos e viver minha vida na mais intensa plenitude.

À minha família, pelo incentivo e constante, me motivando até quando eu duvidei de mim mesma, vocês são meu alicerce e a razão da minha (r)existência.

À minha orientadora, Cristiane Vicente, por acreditar e apostar em mim desde o início da nossa relação e convivência, nossa amizade e parceria me transformou. Você é meu quilombo e minha inspiração.

Ao PREFC por tornar o sonho de ser especialista em Saúde da Família realidade para mim e para tantos outros iguais a mim, abrindo portas, discutindo pautas tão importante e trazendo visibilidade para temas que por muitos é ignorado. Muito obrigada por contribuir na formação de profissionais especialistas em gente. Do SUS para o SUS!

Às minhas preceptoras por me ensinarem e me mostraram o que é ser uma Enfermeira de Família, pela parceria, afeto, paciência, choros, risadas. Obrigada por fazerem parte da minha história.

À Gabrielle e Larissa por serem meu quilombo durante toda a residência, sem vocês o caminho não teria sido o mesmo.

Ao GT Equidade por me transformarem enquanto enfermeira e residente, me ajudarem a emergir à um espaço que eu achava que não era meu.

À CF Helena Besserman por ter sido a minha casa de formação e me mostrar como se faz a Estratégia Saúde da Família com amor, potência e resiliência.

Que esse trabalho possa ser semente de transformação. Obrigada!

*É tempo de caminhar em fingido silêncio,
e buscar o momento certo do grito,
aparentar fechar um olho evitando o cisco
e abrir escancaradamente o outro.*

*É tempo de fazer os ouvidos moucos
para os vazios lero-leros,
e cuidar dos passos assuntando as vias
ir se vigiando atento, que o buraco é fundo.*

*É tempo de ninguém se soltar de ninguém,
mas olhar fundo na palma aberta
a alma de quem lhe oferece o gesto.
O laçar de mãos não pode ser algema
e sim acertada tática, necessário esquema.*

*É tempo de formar novos quilombos,
em qualquer lugar que estejamos,
e que venham os dias futuros, salve 2021,
a mística quilombola persiste afirmando:*

“a liberdade é uma luta constante”. - Conceição Evaristo

RESUMO

MERQUIDES, Yasmin de Oliveira Merquides. *É tempo de Aquilombar: Vivências de Enfermeiros Negros em um Programa de Residência no Município do Rio de Janeiro*. 2023. 13f. Trabalho de Conclusão de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade – Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade, Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Em uma sociedade em que o racismo está presente no cotidiano, existe uma autorização social para que haja uma subjugação pública de pessoas pretas. Devido ao racismo estrutural, o sistema político e econômico continua desumanizando, escravizando e tutelando política, econômica e ideologicamente a população africana no mundo, ou seja, continua nos mantendo colonizados (Oliveira, L.S. 2019).

Nos espaços de trabalho dentro das Unidades de Saúde, muitas vezes encontra-se um cenário de “negociação” e “micropolítica”, em que se convive com situações e falas notoriamente racistas e que ocorre um “*auto-silenciamento*” para a manutenção do “bem-estar” e da boa relação com demais profissionais, sendo estes os precursores da violência.

Este estudo busca abordar a contextualização e história do racismo que atravessa a existência dos residentes negros do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade no Município do Rio de Janeiro, como também nomear as formas de enfrentamento ao racismo institucional que se vive no ambiente de trabalho, em Unidades Básicas de Saúde do Município do Rio de Janeiro.

Abdias Nascimento traz o Quilombismo como uma teoria científica fundida à prática histórica que contribui à salvação da comunidade negra da inexorável tentativa de extermínio seja pela matança direta e/ou indireta, seja pela fome, seja miscigenação compulsória, seja pela assimilação do negro aos padrões de uma sociedade racista, misógina, machista e hierarquizada (Nascimento, A. 2019). Encontrando nos pares a recuperação da memória histórica, possibilidade de (re)encontro com a identidade e ancestralidade, a reconstrução do passado, a compreensão do presente e a construção de estratégias de mudança da sociedade atual, enraizada com racismo estrutural (Oliveira, L.S. 2019).

Palavras-chave: Racismo; Quilombismo; Enfermagem; Residência.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	CRONOGRAMA.....	16
Tabela 2 –	ORÇAMENTO.....	17

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APS	Atenção Primária à Saúde
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CNRMS	Comissão Nacional de Residências Multiprofissionais de Saúde
ESF	Estratégia Saúde da Família
ESP/RS	Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
MS	Ministério da Saúde
PACS	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
PREFC	Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade
PNSIPN	Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
RMS	Residências Multiprofissionais de Saúde
SMS/RJ	Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro
TEN	Teatro Experimental do Negro

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 Resumo em relação à autodeclaração
- Gráfico 2 Resumo em relação ao quantitativo de profissionais negros no ambiente de trabalho
- Gráfico 3 Resumo em relação à participação em debates que abordaram racismo como determinante de saúde
- Gráfico 4 Resumo em relação ao racismo cotidiano
- Gráfico 5 Resumo em relação aos conhecimentos sobre o racismo institucional
- Gráfico 6 Resumo da relação entre a raça-cor e a experiência enquanto residente
- Gráfico 7 Resumo em relação à tonalidade da pele e os reflexos do racismo
- Gráfico 8 Resumo em relação aos conhecimentos sobre o quilombismo

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 Dicionário Adinkra

SUMÁRIO

1	Introdução
2	Objetivos
3	Justificativa e Relevância
4	Referencial Teórico
5	Metodologia
6	Cenário de Estudo
7	População a ser estudada
8	Critério de Inclusão e Exclusão
9	Riscos e Benefícios envolvidos na execução da pesquisa
10	Resultados esperados
11	Análise e Interpretação de dados
12	Divulgação de Resultados
13	Resultados
14	Discussão
15	Conclusão
16	Referências
17	Anexo A- TCLE
18	Anexo B - Termo de Anuência Institucional
19	Anexo C - Instrumento de Coleta de Dados
20	Anexo D - Declaração de Anuência de Custos
21	Tabela 1 - Cronograma
22	Tabela 2 - Orçamento

INTRODUÇÃO

Vivemos em um Brasil de 523 anos, onde 388 anos são de escravidão, para 135 anos de “liberdade” (Vital, A. 2022). A população preta vem sendo historicamente destituída do direito de participar ativamente enquanto agentes e condutores da sua própria história. Em uma sociedade em que o racismo está presente no cotidiano, existe uma autorização social para que haja uma subjugação pública de pessoas pretas. Devido ao racismo estrutural, o sistema político e econômico continua desumanizando, escravizando e tutelando política, econômica e ideologicamente a população africana no mundo, ou seja, continua nos mantendo colonizados (Oliveira, L.S. 2019).

A motivação deste estudo vem da inquietação da autora, que durante o período em que esteve como residente de enfermagem, conheceu o termo “quilombismo”, através de um grupo de trabalho, e então passou a se perceber vivendo esse fenômeno, que é uma das formas mais naturais e mais potentes que o povo negro encontrou, ainda na época da escravização, de se proteger e se fortalecer, enquanto ser, cultura, legado e vivência. O estudo vai além da importância em abordar a contextualização e história do racismo que atravessa a existência dos residentes negros do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade no Município do Rio de Janeiro, como também nomear as formas de enfrentamento ao racismo institucional que se vive no ambiente de trabalho, Unidades Básicas de Saúde do Município do Rio de Janeiro.

Para que se possa discorrer sobre a filosofia do Quilombismo, é preciso citar a urgência do resgate à memória, em suma do negro brasileiro, sobre sua ancestralidade e sua história. Abdias Nascimento, cita no Documento 7 de seu livro, *O Quilombismo* (2019), a memória do negro brasileiro como sido agredida sistematicamente pela estrutura de poder e dominação há mais de 500 anos. Falar sobre Quilombismo é falar sobre a ancestralidade que traz em sua estrutura duas potências: algo que permite que ela sempre retorne e se repita ao longo do tempo, e a possibilidade de sempre se fazer presente (Moraes, M.J.D, 2019).

OBJETIVO

O estudo tem como objetivo geral analisar o quilombismo como resistência ao racismo institucionalizado no contexto de um Programa de Residência do Município do Rio de Janeiro. Como objetivo específico, descrever a percepção dos Residentes Negros sobre o racismo, identificar as formas de enfrentamento ao racismo e discutir

sobre o quilombismo como ferramenta de resistência nos espaços da Rede.

JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Segundo Silvio de Almeida, em sua obra *Racismo Estrutural - Feminismos Plurais* (2019), o racismo se define como uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Portanto, o racismo não se trata de atos isolados, mas sim de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas (Almeida, S. 2019). A partir de discussões e debates sobre as questões raciais é possível identificar as mais diversas formas de racismo, a fim de moldar este estudo, classificaremos duas delas: o racismo estrutural e o institucional.

A concepção de racismo estrutural por muitas vezes é trazida como sendo a mesma de racismo institucional, mas erra quem compartilha de tal definição, porém é necessário refletir que as instituições têm como alicerce a estrutura social, o que dá significado à frase trazida por Silvio: *as instituições são racistas porque a sociedade é racista*. O racismo não é algo que foi criado pelas instituições, mas por elas reproduzido. Grande parte da sociedade brasileira, ainda nos dias de hoje acredita em uma falsa compreensão de harmonia social, a partir do conceito de democracia social, em que a desigualdade atual se dá por um fosso entre as classes sociais e não pelo racismo que estrutura a sociedade (Almeida, S. 2019).

Vivemos em um Brasil de 523 anos, onde 388 anos são de escravidão, para 135 anos de “liberdade” (Vital, A. 2022). A população preta vem sendo historicamente destituída do direito de participar ativamente enquanto agentes e condutores da sua própria história. Em uma sociedade em que o racismo está presente no cotidiano, existe uma autorização social para que haja uma subjugação pública de pessoas pretas. Devido ao racismo estrutural, o sistema político e econômico continua desumanizando, escravizando e tutelando política, econômica e ideologicamente a população africana no mundo, ou seja, continua nos mantendo colonizados (Oliveira, L.S, 2019).

O reflexo de uma sociedade hierárquica e racista se dá dentro das instituições como o governo, escolas, unidades de saúde, em que o racismo está enraizado e que se revela por

vezes de forma violenta e explícita ou de forma velada, por meio de micro agressões, porém, igualmente violentas e destrutivas, sem pudor algum. O racismo institucional se origina na operação de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade e, portanto, recebe muito menos condenação pública do que o primeiro tipo (Almeida, S. 2019).

O racismo institucional está presente quando se pensa na desigualdade racial na educação, na saúde, na mobilidade social, econômica e política. São diversos os atravessamentos da existência de pessoas pretas, quando falamos de racismo institucional, neste estudo, especificamente, no contexto de um Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade no Município do Rio de Janeiro. Quando se questiona: Quantos enfermeiros pretos temos em um consultório atendendo? Quantos enfermeiros pretos estão integrando um programa de pós-graduação em saúde da família e comunidade nos moldes de residência em saúde como residentes, preceptores? Quantos enfermeiros pretos estão como preceptores ou na coordenação? Quantos enfermeiros pretos estão na gerência de Unidades de Saúde? Por que é tão incomum? (Vital, A. 2022).

As marcas do racismo podem ser lidas quando historicamente os caminhos são mais longos e tortuosos para aqueles que desafiam as regras e os padrões sociais que lhe são atribuídos pela supremacia de um determinado grupo racial, no caso os brancos, por exemplo, quando uma pessoa preta se forma no nível superior, se torna Enfermeiro Especialista em Saúde da Família e se coloca em um lugar de liderança dentro de uma Unidade de Saúde. A população não está acostumada a ver o negro, que historicamente deveria ser subserviente em uma posição de poder, de autoridade, e quando isso acontece causa desconforto. Nos espaços de trabalho dentro das Unidades de Saúde, muitas vezes encontra-se um cenário de “negociação” e “micropolítica”, em que se convive com situações e falas notoriamente racistas e que ocorre um “*auto-silenciamento*” para a manutenção do “bem-estar” e da boa relação com demais profissionais, sendo estes os precursores da violência (Vital, A. 2022).

A relevância deste estudo não se dá apenas pela importância de abordar a contextualização e história do racismo que atravessa a existência dos residentes negros do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade no Município do Rio de Janeiro, mas também para nomear as formas de enfrentamento ao racismo institucional que se vive no ambiente de trabalho, Unidades Básicas de Saúde do Município do Rio de Janeiro. Quando se pensa sobre um ambiente em que produz saúde, especificamente Saúde da Família, se pensa em um ambiente que se produz educação em saúde, social, garantia de direitos à populações vulnerabilizadas, logo se associa a imagem de que estaria ali

protegido da violência do racismo, no entanto, a realidade encontrada não é essa. Desta realidade é que nasce a necessidade de se defender a (re)existência, a liberdade de ser, o reconhecimento da humanidade, a ancestralidade e a construção de uma sociedade que não possua como estrutura, no campo intelectual e prático, o racismo (Oliveira, L.S, 2019).

Abdias Nascimento traz o Quilombismo como uma teoria científica fundida à prática histórica que contribui à salvação da comunidade negra da inexorável tentativa de extermínio seja pela matança direta e/ou indireta, seja pela fome seja miscigenação compulsória, seja pela assimilação do negro aos padrões de uma sociedade racista, misógina, machista e hierarquizada. Os quilombos eram lugar de resistência física e cultural dos descendentes de africanos que se recusavam à violência e submissão a um modo de vida escravista. Excluindo a alusão de que quilombo significa “escravo fugido”. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial (Nascimento, A. 2019).

Utilizando da metodologia de escrivência trazida por Conceição Evaristo, racializar a experiência da residência, trazer oralidade aos residentes que fazem do quilombismo maneira de combater e diminuir os estressores e atravessamentos vividos no cotidiano, utilizando dessa filosofia como parte da luta antirracista, seja na formação de coletivos, na escrita de artigos científicos, seja dando voz e vez à autores negros por muitos invisibilizados como Grada Kilomba, Lélia Gonzales e Silvio Almeida, Beatriz Nascimento e organizando eventos dedicados aos pares, seja tornando- se presentes onde não se espera que estejam, ocupando espaços de liderança e protagonismo onde há predominância branca. Encontrando nos pares a recuperação da memória histórica, possibilidade de (re)encontro com a identidade e ancestralidade, a reconstrução do passado, a compreensão do presente e a construção de estratégias de mudança da sociedade atual, enraizada com racismo estrutural (L.S.Oliveira, 2019).

REFERENCIAL TEÓRICO

Para falarmos sobre racismo, seus entrelaçados e seus atravessamentos na vivência de toda população negra, sobretudo sobre os atores deste estudo, enfermeiros, negros, em sua especialização em curso, vivendo no meio acadêmico e no meio profissional ao mesmo tempo, muitos pela primeira vez, é preciso abordar temas e referenciais que tratam dessas

vivências, que tratam sobre os diferentes aspectos e tipologias do racismo e em como isso tem afetado a vida do negro afro-brasileiro (Almeida, S, 2019).

Nesta parte do estudo, trago as tipologias do racismo, como este se desdobra na história da profissão escolhida por mim, autora, e pelos participantes deste estudo. Como o quilombismo carrega em si a força da ancestralidade desde seus primeiros registros até os dias atuais.

1. Caracterizando o racismo - o indizível

O racismo é uma violenta realidade que muitas vezes é vista como um “fenômeno”, uma “coisa” do passado, localizado na margem das relações e das políticas sociais ou uma camada que pode ser facilmente removida (Kilomba, G. 2019). Pouco se fala sobre racismo como base estrutural da sociedade contemporânea, os reflexos e resíduos pós abolicionismo na vida da população negra são escancarados em várias esferas da vida cotidiana (Gonzalez, L. 1983). A discriminação racial e o racismo não permaneceram inertes desde a assinatura da Lei Áurea, eles se adaptaram e adquiriram novas funções e significados dentro da estrutura social estabelecida (Sousa, N.S. 2021).

Para abordar e caracterizar o racismo e a discriminação racial, antes é importante citar o conceito de "raça" na sociedade, que vai além de qualidades e concepções biológicas, em relação a cor de pele, traços faciais, cabelos e outras características. No Brasil, raça sempre foi utilizada como determinação de grupos sociais com prestígio, valores e graduação social em comum. A raça como atributo social e historicamente elaborado funciona como um dos mais importantes critérios de distribuição de pessoas na hierarquia social (Sousa, N.S. 2021).

No racismo há uma construção da diferença, isto é, o indivíduo é visto como "diferente" por sua origem racial, considerado dessa forma por divergir do grupo social que detém o poder de se definir como norma - a norma branca. O sujeito branco é tido como ponto de referência, ou seja, não se é "diferente", torna-se por meio da discriminação. A combinação do preconceito, discriminação racial e poder histórico, político, social e econômico dá forma ao racismo (Kilomba, G. 2019).

Das diversas manifestações do racismo na sociedade atual, para a construção deste estudo são elencados o estrutural e o institucional, visto que são esses utilizados como molde social e político que privilegia o grupo dominante, o sujeito branco. A forma estrutural é lida com esse nome pois pessoas negras são e estão excluídas da maioria das

estruturas sociais e políticas. Vem de desigualdades sistêmicas, políticas históricas, enraizadas e desiguais que colocam grupos racializados em desvantagem, fora das estruturas dominantes. Já o termo "institucional" traz o racismo não apenas como fenômeno ideológico e pontual mas também institucionalizado, ou seja, a maneira como os sistemas de saúde, as organizações, as agendas educacionais, a justiça criminal, perpetuam e operam de forma desigual, colocando a branquitude em clara vantagem em relação aos demais grupos raciais (Kilomba, G. 2019).

Kilomba traz ainda o conceito de racismo cotidiano, sendo aquele que se manifesta através de vocabulários, ações, olhares, gestos que colocam o sujeito negro sempre como o "outro/diferente", como uma personificação de aspectos e características a serem reprimidas na sociedade branca.

2. A face da Enfermagem no Brasil

O início da estruturação da enfermagem no Brasil se dá a partir do Século XX, com a necessidade de implementar a partir do modelo Nightingaleano, um corpo de enfermagem profissionalizado para atuar nos hospitais, onde até o momento era de exclusividade da medicina (Pereira, F. 2008). O perfil da enfermagem se seguia a partir de Florence Nightingale, tida pela história como a “mãe da enfermagem”, devido às ações assistenciais exercidas por ela durante a Guerra da Criméia, ocorrida entre 1853 e 1856. Requisitos fundamentais como ser do gênero feminino, branca, com educação formal e religiosa, pureza e submissão eram os atributos necessários para ingressar nas Escolas Formais de Enfermagem da época, com o intuito de elevar a profissionalização e torná-la atrativa para mulheres de elevado nível social (Santos, F.B.O *et.al*, 2020).

Quando as Escolas Formais chegam ao Brasil, o cuidado aos enfermos era realizado por responsabilidade de religiosas - as irmãs de caridade - e de “voluntários” sem preparo formal para exercer a função, como nos Manicômios onde, nas alas masculinas, o cuidado era exercido por homens que tinham um papel de “guarda de enfermeiros”, com o objetivo de evitar a presença das irmãs de caridade junto aos internos masculinos (Pereira, F. 2008).

O padrão criado para a enfermagem no Brasil descartava fortemente as práticas de cuidados exercidos, por exemplo, por homens e mulheres desde o início da escravização do povo originário e africano, práticas essas que se davam por pajés, curandeiras, parteiras e mães de leite, que cuidavam de seus filhos, irmãos, netos, assim como da família daqueles que os escravizavam. A negação de fatos históricos, a invisibilidade de sujeitos reforçam

a produção sistemática de segregação e subjugação étnico-racial, criando uma idealização, uma identidade tida como "correta" e não atendendo a representatividade de indivíduos fora do grupo racial que detém o poder, assim se manifesta o racismo institucional na história da enfermagem do Brasil(Santos, F.B.O *et.al*, 2020).

Destaco aqui nomes como Mary Jane Seacole, Mary Elizabeth Carnegie, Mary Eliza Mahoney, Lydia das Dores Matta, Izabel dos Santos, Maria Soldado e Ivone Lara, Mãe Stella de Oxóssi, nomes que tem suma importância na história do cuidado mas que não vêm ganhando a notoriedade equivalente ao seu trabalho como enfermeira. (Santos V.J.O, *et.al*, 2023) Corpos negros que dedicaram sua existência, seu saber científico e ancestral ao cuidado com o outro e que tiveram que lutar para obter sua identidade legitimada, rompendo barreiras raciais, de discriminação, coisificação do corpo preto e se autoafirmando enquanto pessoa.

A enfermagem atual ainda mostra reflexos da feminilização da profissão e da polaridade racial em relação ao quantitativo de pessoas negras x pessoas brancas em níveis técnico e superior. Onde os profissionais de enfermagem negros se concentram no nível médio enquanto posições de liderança são ocupadas predominantemente por pessoas do gênero masculino e de cor branca.(Machado, M.H. 2017)

A presença de profissionais de enfermagem negros nos ambientes em que se oferta o cuidado afeta não só a existência e vivência dos profissionais como também da população assistida. Devido a realidade sociocultural em que estamos inseridos enquanto pessoas pretas, utilizamos a prática do cuidado com a perspectiva de enfrentamento ao racismo e a desigualdade racial, na prevenção e promoção da saúde e redução da prevalência dos agravos que mais afetam a população negra, promovendo também a participação social na formulação de Políticas Públicas de Saúde que favoreçam e viabilizem a saúde da população negra no Brasil. A diversidade racial dos profissionais de enfermagem, na assistência, na gestão ou na docência é essencial para que se desenvolvam e se promovam práticas de equidade racial na saúde (Santos, F.B.O *et.al*, 2020)

3. Residência em Enfermagem de Família e Comunidade

A Residência Multiprofissional em Saúde (RMS) é uma modalidade de pós-graduação *lato sensu*, no modelo de ensino em serviço e envolvendo profissões da área da saúde, exceto Medicina. No Brasil, ela surge em 1978, com a Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS), sendo desenvolvida na Atenção Básica. Em 2005, a Lei

11.129, institui a Residência em Área Profissional da Saúde e cria a Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde (CNRMS), cuja organização e funcionamento são compartilhados entre o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Saúde (MS) (BRASIL, 2005). Dentre as profissões abrangidas, como Biomedicina, Psicologia, Odontologia, Medicina Veterinária, Nutrição, Fisioterapia, Ciências Biológicas, entre outras, a Enfermagem é uma das profissões mais presentes nos mais diferentes tipos de especialização ofertados nas RMS (Pinheiro, F.T.S, *et.al*, 2023).

A formação de profissionais nos moldes da residência em saúde vem para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde, com o objetivo de formar atores do SUS para o SUS sintetizados com os princípios de diretrizes que regem o maior Sistema de Saúde do mundo, baseando-se no Art.200 da Constituição Federal de 1988, que garante ao SUS o dever de ordenar a formação de recursos humanos em saúde.

Em 1994, o Ministério da Saúde, institui a Estratégia de Saúde da Família (ESF), para implementação do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), que nasce com o objetivo de melhorar as condições de saúde em áreas periféricas, formando uma categoria profissional pela e para a própria comunidade, atuando e fazendo parte da saúde prestada para a população (BRASIL,2012). A ESF vem como ordenadora da Atenção Primária em Saúde se configura como um conjunto de ações de saúde, individuais e coletivas, com o objetivo de desenvolver uma atenção integral que impacte positivamente na situação de saúde e autonomia da população, orientada pelos princípios de universalidade, acessibilidade, vínculo, continuidade do cuidado, integralidade da atenção, responsabilização, humanização, equidade e participação social, considerando o sujeito em sua singularidade sociocultural (BRASIL, 2012).

Nesse contexto surge o Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade (PREFC), vinculado à Secretaria Municipal do Rio de Janeiro, onde estão inseridos os atores deste estudo. O Programa surgiu em 2015, a partir da necessidade de expandir a qualificação dos profissionais enfermeiros para acompanhar os avanços que estavam ocorrendo na Atenção Primária Carioca, com o aumento de Clínicas da Família. Contando com números expressivos na Rede Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, desde seu início o Programa já formou com êxito mais de 300 profissionais especialistas em Saúde da Família e Comunidade. A Residência se torna um lugar político de formação, onde há debates e inquietações sobre temas muitas vezes sensíveis, mas necessários para o fortalecimento da equidade e integralidade do SUS, como participação popular, acesso, diversidade cultural, racial e de gênero, temas que são fortemente estimulados e que após

uma reformulação em 2021 têm feito parte da estrutura pedagógica do Programa (Carvalho, J.O. *et. al*, 2022).

Como composição pedagógica da formação do residentes, fazem parte da aprendizagem temáticas sintetizadas com as Políticas Públicas de Saúde, como a Política Nacional de Humanização, Política Nacional de Promoção da Saúde, Política Nacional de Saúde da População LGBTQIAP+, Política Nacional de Saúde da População Negra, entre outras, inseridas e discutidas através das aulas teóricas e eventos científicos mobilizados pelo Programa. Além das aulas teóricas, teórico-práticas e a vivência clínica nas Unidades Básicas de Saúde, residentes e preceptores, também têm a oportunidade de participar dos Grupos de Trabalho (GT), divididos por eixos pedagógicos consonantes com as diretrizes de ensino e aprendizagem para formação dos residentes. Os GTs têm o objetivo de trabalhar com a perspectiva da atenção integral, interprofissional, equitativa e resolutiva que pertence ao profissional especialista em Saúde da Família. Os participantes promovem um encontro mensal, onde são discutidas as temáticas e pautas pertinentes e são estimulados pela coordenação do Programa a ampliarem suas ações para além das paredes da Instituição, através de publicações de produções científicas, organização e participação em eventos (Carvalho, J.O. *et. al*, 2022).

4. O Quilombismo

Quilombo: *“toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”*. Assim, segundo Beatriz Nascimento (1985), era como os Portugueses definiam Quilombo em sua primeira referência oficial aqui no Brasil, em 1559. Essa mesma definição é a que se transmite nas escolas, nas aulas de História e é assim que a maioria das pessoas definem o conceito, como aprende-se nos livros de história. O entendimento curto e superficial que se tem sobre os quilombos diz muito sobre a maneira como colonialidade age sobre a memória e identidade dos afro-brasileiros. Esse lapso de memória provoca uma ruptura do negro brasileiro com seu passado.

O papel que o Quilombo exerce na história dos negros no Brasil demonstra a familiaridade que os escravizados possuíam com sua história e de seus semelhantes e seu papel histórico e cultural desempenhado na comunidade. Se aproximando da ideia divulgada pela literatura, *“um local onde a liberdade era praticada, onde laços étnicos e*

ancestrais eram revigorados”(Nascimento.B, 1985). O Quilombo dos Palmares, liderado por Zumbi, certamente é o mais conhecido dentre tantos outros, como Quilombo de Catumbi, Quilombo Nossa Senhora dos Mares. Abdias Nascimento traz em sua obra, Quilombo como *“reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial”*, uma condição vital por liberdade, dignidade, onde se possa ser feliz (Nascimento.A, 2019).

O conceito de Quilombismo ou Aquilombamento, vem de um movimento libertário, cultural e ancestral que celebra e recupera a herança e a identidade dos afro-brasileiros. O sentimento quilombista vem para resgate ancestral e fortalecimento do negro brasileiro, atuando como uma das numerosas formas de resistência antirracista, um ideal forte e denso que ainda nos dias de hoje permanece reprimido por vezes pelas estruturas dominantes do nosso país e outras por mecanismos de defesa da própria pessoa que age pelo inconsciente, devido a repressão vivenciada todos os dias (Nascimento.A, 2019).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratório e descritivo, que tem como objetivo trazer maior familiaridade com o tema proposto, torná-lo mais explícito, envolvendo levantamento bibliográfico e entrevista com pessoas que trarão suas vivências para aprimorar a construção da pesquisa, enquanto o caráter descritivo da pesquisa visa caracterizar e dar “identidade” para a população que será estudada (Gil, 2010).

A pesquisa foi realizada através de levantamento bibliográfico e coleta de dados que serão obtidos por meio de entrevistas que serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas com roteiros semi-estruturados que serão realizadas em um período de dois meses, onde os entrevistados, através de suas respostas trarão suas narrativas e sua percepção sobre o racismo institucional e suas formas de enfrentamento.

As respostas foram tratadas de forma anônima e a privacidade dos participantes respeitada, assegurada pela Resolução nº 466/2012, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos do CNS (Conselho Nacional de Saúde). Foram explícitos através de Termo de Consentimento Esclarecido, os riscos e benefícios envolvendo a participação na pesquisa e em caso de dano comprovadamente oriundo da pesquisa o participante terá direito a indenização através das vias judiciais, como dispõe o Código Civil, o Código de Processo Civil e a Resolução no 466/2012, do CNS.

Houve a exploração dos dados coletados e a correlação dos mesmos com o arcabouço teórico obtido através das revisões bibliográficas, tendo como metodologia a

escrevivência trazida por Conceição Evaristo que reinventa o método de se fazer pesquisa, que historicamente vem tendo protagonismo da branquitude. Escrivivência, esta que se relaciona à expressão “escrever vivências”, recuperar memórias e fatos vividos através da escrita (Vital, A. 2022).

CENÁRIO DO ESTUDO

O cenário de estudo foi o local onde são realizadas as aulas teóricas dos Residentes de primeiro e segundo ano do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro (PREFC-SMSRJ) do convênio da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro, localizado na sede do Programa, na região central do Rio de Janeiro.

Foram oportunizados os dias de aula teórica em que os residentes estão todos reunidos, as entrevistas serão realizadas em momento de intervalo dos turnos ou ao final de cada aula, sem prejuízo ao cronograma de cada turma.

POPULAÇÃO A SER ESTUDADA

Os participantes do estudo são Residentes que se identificam como negros (pretos e pardos), de primeiro e segundo ano do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro (PREFC-SMSRJ), do convênio da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro, que aceitaram participar da pesquisa através do Termo de Consentimento Esclarecido, que foi entregue e assinado antes do início das entrevistas de acordo com as normas e diretrizes da Resolução nº 466/2012, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Inclusão: Enfermeiros(as) Residentes do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (PREFC-SMSRJ) do convênio da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, que se declaram negros, de cor preta e parda, que estejam presentes no cenário de estudo nos dias de realização das entrevistas.

Exclusão: Enfermeiros(as) que não fazem parte do Programa de Residência em

Enfermagem de Família e Comunidade da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (PREFC-SMSRJ) do convênio da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro como Residentes. Residentes que estejam em gozo de férias, licença médica ou em atividade externa que o impossibilite de estar presente nos dias de aula em que serão realizadas as entrevistas. Residentes que não se enquadrem no quesito raça-cor descrito anteriormente.

RISCOS E BENEFÍCIOS ENVOLVIDOS NA EXECUÇÃO DA PESQUISA

Riscos: Os riscos desta pesquisa são moderados, podendo ocorrer o constrangimento ao responderem os instrumentos de coleta de dados, uma vez que alguns itens têm relação com experiências pessoais. Perda da confiabilidade dos dados e este risco será amenizado pela privacidade mantida, não sendo divulgados os dados pessoais dos profissionais participantes. Caso ocorra constrangimento, a coleta de dados será interrompida e o participante poderá escolher outro momento para estar respondendo os instrumentos. Em caso de dano comprovadamente oriundo da pesquisa o participante terá direito a indenização através das vias judiciais, como dispõe o Código Civil, o Código de Processo Civil e a Resolução no 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Benefícios: As opiniões dos participantes serão analisadas pelos pesquisadores e contribuirão para a compreensão para a produção e construção do conhecimento acerca do quilombismo como resistência ao racismo institucionalizado no contexto de um Programa de Residência do Município do Rio de Janeiro. Os dados coletados serão mantidos permanentemente em um banco de dados de pesquisa, com acesso restrito, para utilização em pesquisas futuras por 05 (cinco) anos. Cada participante receberá uma via deste termo onde consta os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP e do pesquisador responsável, podendo eliminar suas dúvidas sobre a sua participação agora ou a qualquer momento.

GARANTIAS ÉTICAS AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Aceitando participar do estudo, será respeitado o tempo de cada um para respondê-lo. Informamos que o (a) profissional pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo, bastando informar sua decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa. Suas respostas serão tratadas de forma anônima, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase

do estudo, sua privacidade será assegurada, uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória por um código, estes assegurados pela Resolução nº 466/2012, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos do CNS-Conselho Nacional de Saúde, podendo o (a) senhor (a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se através desta pesquisa trazer protagonismo à temática, Quilombismo, ainda pouco explorada nos meios acadêmicos e profissionais, abordando a contextualização e a história do racismo que atravessa a existência dos residentes negros do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade no Município do Rio de Janeiro e fazem do quilombismo maneira de combater e diminuir os estressores e a violência velada vividos no cotidiano.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise da pesquisa foi realizada através de fase de pré-análise, onde a pesquisadora fez a leitura e escuta de todo o material coletado (Bardin, 2011). Foi realizada leitura flutuante do material, com o objetivo de obter as primeiras impressões sobre os relatos dos participantes.

Em seguida houve a exploração dos dados coletados e a correlação dos mesmos com o arcabouço teórico obtido através das revisões bibliográficas, tendo como metodologia a escrevivência trazida por Conceição Evaristo que reinventa o método de se fazer pesquisa. E então por último, o tratamento dos resultados da pesquisa e suas interpretações (Gil, 2010).

DIVULGAÇÃO DE RESULTADOS

Subsequente à realização da pesquisa, será promovida a apresentação da mesma nos moldes de Trabalho de Conclusão de Residência e mediante aprovação será disponibilizada no Acervo de Trabalho de Conclusão de Residência do Programa de

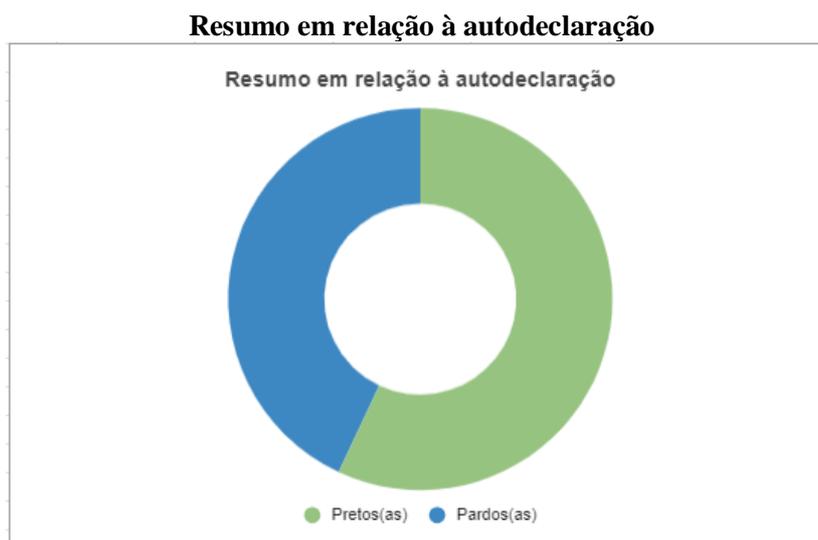
Residência em Enfermagem de Família e Comunidade da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro.

RESULTADOS

O estudo de campo foi realizado no período de 20 de Outubro de 2023 a 8 de Dezembro de 2023. Foram realizadas 14 entrevistas, não sendo nenhuma excluída. O nome dos participantes do estudo foi substituído por símbolos Adinkras, conjunto de símbolos de origem africana que carregam estética e idiomas tradicionais, incorporam, preservam e transmitem aspectos da história, filosofia e valores do povo de Gana (Nascimento, E.L., *et al.*, 2009). Os resultados obtidos no roteiro de entrevista semiestruturado, estão listados a seguir:

1. Autodeclaração de raça-cor

De 14 entrevistados, 57% se autodeclararam pretos, enquanto 42% se autodeclaram pardos. A autodeclaração é o método de identificação da raça, cor/etnia da população utilizado pelo IBGE por todo território nacional brasileiro, apresentando 5 classificações definidas, sendo elas: preta, parda, branca, amarela e indígena (Almeida, E.A.M, *et. al*, 2022).



2. A presença de outros profissionais de saúde negros influencia na experiência enquanto enfermeiro e residente

Todos os entrevistados afirmaram que o quantitativo de profissionais de saúde negros, sobretudo de nível superior, na Unidade de Saúde onde atuam, afeta sua experiência enquanto enfermeiros e residentes.

Resumo em relação ao quantitativo de profissionais negros no ambiente de trabalho.



Elaborado pela Autora, 2023

3. Participação de debates sobre o racismo como determinante social de saúde

Em relação à participação em debates que trazem como temática o racismo como determinante de saúde, no ambiente de trabalho e acadêmico, onde estão inseridos, 78% dos entrevistados afirmaram já terem participado, enquanto 21% afirma que não.

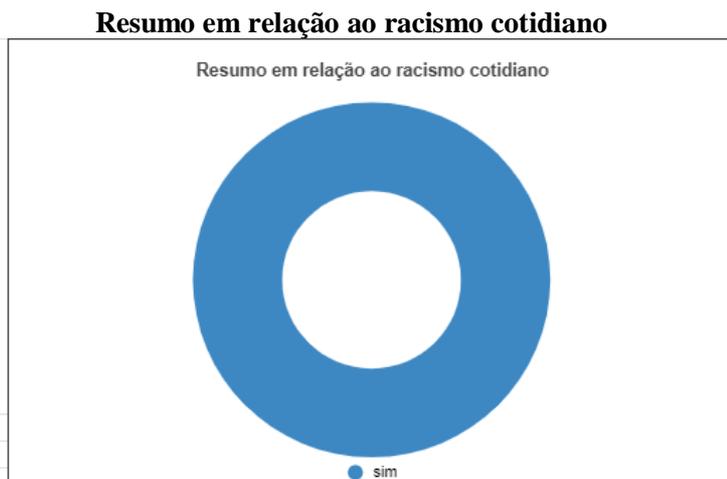
Resumo em relação à participação em debates que abordaram racismo como determinante de saúde



Elaborado pela Autora, 2023

4. Identificar o racismo no cotidiano

Todos os participantes afirmaram que percebem e sentem o racismo no dia a dia em todos os meios sociais.

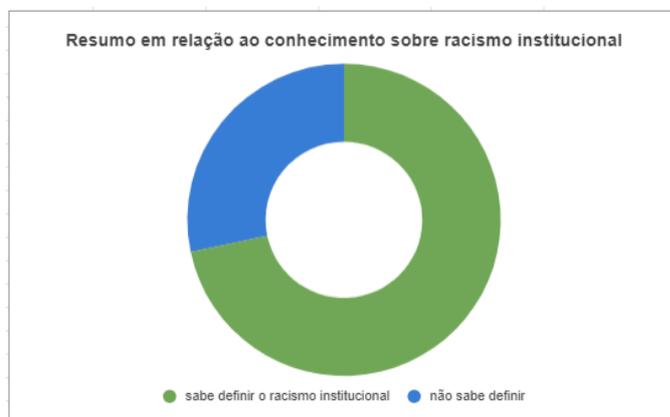


Elaborado pela Autora, 2023

5. Conhecimento sobre o racismo institucional

71% dos participantes afirma entender e conseguir definir o que é o racismo institucional e como ele se apresenta, enquanto 28% dos participantes não souberam responder ou não conseguiram definir.

Resumo em relação aos conhecimentos sobre racismo institucional



Elaborado pela Autora, 2023

6. A cor influencia na experiência enquanto residente

Quando perguntados sobre a relação da raça-cor e a experiência enquanto residentes, 78% dos entrevistados afirmaram que sua raça-cor influencia em sua experiência, enquanto 21% afirmaram que não.

Resumo da relação entre a raça-cor e a experiência enquanto residente

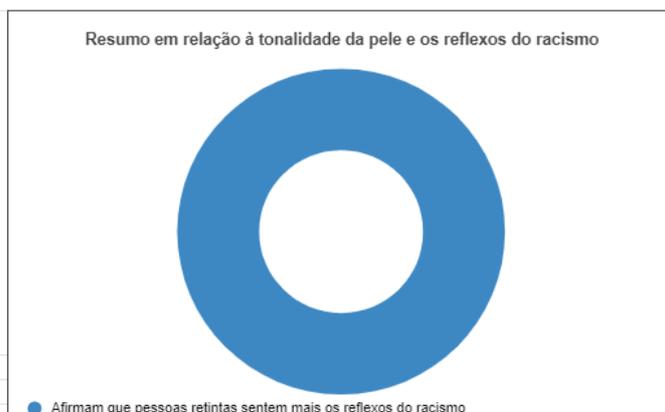


Elaborado pela Autora, 2023

7. Pessoas retintas, de tonalidade de pele mais escura, sentem mais os reflexos do racismo?

Todos os entrevistados afirmaram entender que a tonalidade de pele diferencia o quanto a pessoa sente os reflexos do racismo cotidiano, sendo assim, pessoas com a tonalidade de pele mais escura, ou seja, retintas sentiriam mais o racismo no dia a dia do que pessoas de tonalidade de pele mais clara.

Resumo em relação à tonalidade da pele e os reflexos do racismo

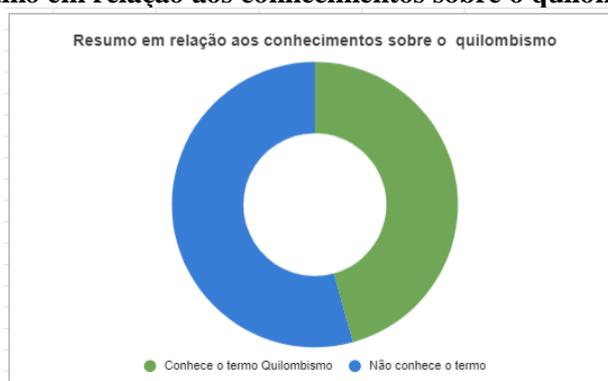


Elaborado pela Autora, 2023

8. Conhece o quilombismo?

Em relação aos conhecimentos sobre o quilombismo, 42% dos participantes afirmaram já conhecer o tema e identificá-lo como ferramenta de enfrentamento ao racismo institucionalizado, em contraposição, 57% dos participantes afirmaram não conhecer o termo.

Resumo em relação aos conhecimentos sobre o quilombismo



Elaborado pela Autora, 2023

DISCUSSÃO

1. Desvelando o Racismo: compreender para enfrentar

Falar sobre racismo é fazer uma discussão estrutural, trazendo uma perspectiva

histórica, mapeando e caracterizando suas consequências. Um sistema pautado na ideia de superioridade racial, política, social e econômica, que se manifesta através de práticas conscientes e inconscientes, combinando violência, preconceito racial e poder. O racismo como um regime de opressão que nega direitos e vai além de uma vontade moral ou individual, mas sim um arranjo fundamental pelo qual se dão as relações sociais (R.Djamila, 2019).

Kabengele Munanga, importante autor e pensador negro, traz a importância de se (re)conhecer e nomear as diversas formas de como o racismo se apresenta e nos atinge enquanto sociedade e diferenciá-lo de outros regimes de opressão conhecidos. Segundo ele, há uma crença de que o racismo no Brasil é menor ou mais “leve” do que em outros lugares do mundo, mas esse mito só confunde todos os brasileiros, sendo vítimas ou não[do racismo], ele não se dá de forma leve e sim de forma velada, favorecendo a cultura do silêncio e do não dito (Milena, L. 2019).

Durante as entrevistas para coleta de dados deste estudo, diante da pergunta: “Como você define o racismo”, foi possível perceber entre os entrevistados como a maneira em que se identifica e se enxerga o racismo é ao mesmo tempo individual e coletivo, com percepções que se entrelaçam como um emaranhado de vivências e percepções, negros com letramento racial, conseguem perceber de forma coletiva o racismo.

Acima de tudo é um sistema de opressão, que é pautado pelo quesito raça-cor, e acho que pra a gente, racializar o 'Brasil', a gente precisa dizer sobre classe e gênero também, por que também tem as interseccionalidades, mas não tem como a gente não dizer que é um sistema de opressão, que veio principalmente pautado pelo processo de escravização no Brasil (Aya).

“(...) Algo muito ruim e avassalador, algo que a nossa sociedade vem trazendo de forma histórica, mas que ainda nos afeta enquanto pessoa preta, parece que fica inerte e a gente tem que ficar o tempo inteiro batendo nessa tecla”(sankofa).

“Enquanto estrutura de opressão sobre a qual a sociedade foi construída”(Wawa Aba).

“Infelizmente é uma coisa que a gente não vai se livrar, algo que o negro vai conviver pra sempre enquanto existir distinção de raças”(Fafanto).

“Acho que é quando um grupo de pessoas ou até mesmo um indivíduo de uma raça,

cor ou etnia se achar superior a outra, tanto em questões físicas, financeiras, intelectuais e aí conseguem além de se sentirem superiores, detêm poder socialmente determinado para atingir aqueles que eles acham inferiores” (Duafe).

“Como algo extremamente violento, às vezes de uma forma que as pessoas não percebem o quanto aquilo marca e afeta desde a infância, muitas vezes a pessoa não consegue receber afeto e afirmações sobre ela, por ter sido tão ferida, ela não consegue se perceber merecedora disso” (Nya Abotere).

Segundo Silvio de Almeida, o racismo se caracteriza como caráter sistêmico, um processo no qual condições de subalternidade e de privilégio se distribuem entre grupos raciais em todos os âmbitos da sociedade e das relações cotidianas. Há diferenças globais nas partilhas e nos acessos a recursos como educação, moradia, saúde, emprego, mídias.

Quem pode ver seus interesses políticos representados nas agendas nacionais? Quem pode ver suas realidades retratadas na mídia? Quem pode ver sua história incluída em programas educacionais? Quem possui o quê? Quem vive onde? Quem é protegida/o e quem não é? (Kilomba, G. 2019).

2. Tipologias do Racismo no contexto atual

Aproximar as expressões do racismo com nossa vivência auxilia a moldar os caminhos e ações anti racistas, a fim de enfrentar esse estigma. O racismo é revelado de diversas formas, seja de forma estrutural, institucional, individual ou penetrado em nosso cotidiano.

O racismo estrutural é evidenciado por padrões que se persistem desde os tempos da escravização do povo africano, excluindo pessoas negras e *People of color* da maioria das estruturas sociais e políticas, refletindo a história de desigualdade e discriminação, onde a disparidade afeta os grupos raciais de maneira desproporcional. Silvio de Almeida, cita o racismo estrutural como decorrência do modo com que se constituem as relações, atitudes e comportamentos, a maneira como são pensadas e realizadas as políticas e o sistema são derivados de uma sociedade cujo *racismo é regra e não exceção* (Almeida, S. 2019).

A concepção institucional do racismo se refere às práticas políticas e padrões de tratamento que perpetuam em prol da vantagem dos indivíduos brancos em relação a outros grupos racializados dentro de instituições e organizações, em setores como educação, emprego, justiça criminal e saúde . Essa forma de opressão se dá de maneira muitas vezes silenciosa e

menos evidente, que o torna menos identificável, porém não menos destrutivo (Almeida, S.2019).

Grada Kilomba, traz em seu livro *Memórias da Plantação*, 2019, o racismo cotidiano que se manifesta através de ações, vocabulários, discursos, olhares diários que ocorrem nas interações sociais e expõe ao sujeito negro à personificação daquilo que o sujeito branco não quer ser reconhecido. Muitas vezes com uma sutileza violenta que faz das pessoas negras uma tela de projeção, *de medos e fantasias brancas*, seja na infantilização, primitivação, incivilização, animalização ou na erotização, o racismo cotidiano não se dá de forma única ou pontual mas sim numa constante onda de agressões ora velada ora explícita, mas sempre violenta.

“Tem casos que são bem clássicos que a gente percebe que foi racismo, mas tem outros que você ainda fica na dúvida: será que se fosse uma pessoa branca isso estaria acontecendo? Tem algumas questões que sinto também que poderia ser racismo, mas que eu não poderia afirmar de fato, por que eu não tenho como provar, fica mais no meu interior. Geralmente a pessoa que sofre o racismo percebe quando alguma coisa tá diferente ali”(Gye Nyame).

“(...)Hoje em dia quando eu vou em um banco eu vou mais arrumado, morro de medo de tomar um tiro por ser confundido com alguém, então no dia a dia, nas palavras, nas perseguições, quando eu tenho que colocar em prática o meu trabalho, tudo isso eu vejo que tem um peso quando a gente faz o mesmo que outras pessoas, tem o que eu faço e o que um enfermeiro branco faz e não é cobrado do mesmo jeito”(Pempamsie).

“(...)Até dentro de casa, lá em casa por exemplo só eu e minha mãe somos negras, então existe essa dinâmica de apenas nós duas estarmos sempre na cozinha, sempre em serviços enquanto os outros não se acham na necessidade de estar, se ocupam com outras coisas, (...)no trânsito, onde você percebe que nos ônibus lotados a maioria das pessoas são negras”(Fafanto).

“Os olhares, entrar numa loja com sua família, seu namorado e ser seguida como se fosse roubar, ser tratada de forma inferior, quando você tenta se impor profissionalmente e a pessoa diminui o que você fala”(Nya Abotere).

“(...)Onde eu morava já chegaram a rir de mim na faculdade por ter chegado com o pé sujo de lama, porque meu bairro era o único que nunca tinha sido asfaltado. Aqui na zona sul, quando eu me mudei para um prédio em que a maioria das pessoas é branca, tem gente que me olha estranho no elevador, já me chamaram de favelada na rua, já me chamaram de chita (animal de origem africana) em Copacabana”(Wawa Aba).

A percepção e a tipificação de como o racismo se apresenta pode variar conforme o contexto em que o indivíduo se encontra na sociedade, suas experiências e sua expertise, o que pude perceber no decorrer da escrivência deste estudo é que apesar do grupo estudado ter um acesso maior à educação, visto que são todos estudantes de pós-graduação, alguns dos participantes percebe o racismo no seu dia-a-dia, mas não o sabem nomear propriamente dito, quando se abordou as seguintes perguntas: “Quais tipos de racismo você conhece? Você sabe o que é institucional?”

“(...) Não sei definir todos eles, mas tem aquele que você chega no local e a pessoa já te olha tipo ‘como você consegue estar aqui, sendo dessa cor, tendo esse cabelo? Você tem dinheiro para estar aqui?’ ou geralmente quando você vai viajar por exemplo, turista tem dinheiro, é branco, enfim, e aí você é a negra com o marido branco e a criança mestiça e aí olha ‘como você consegue estar aqui?’, tipo ‘a bancada, como se eu não pudesse trabalhar, como se eu não pudesse estar ali”(Ohen Adwae).

“ Conheço o estrutural e de forma do cotidiano mesmo, algumas falas que as pessoas acabam reproduzindo às vezes sem nem saber, que já estão entranhadas na sociedade.”
(Sankofa).

“Não sei responder essa pergunta, eu imagino tipo assim: em relação ao meu cabelo, ao meu pai que já passou por situações no mercado de estar com um produto na mão, procurando outra coisa e o segurança ficar em cima, isso pra mim é um tipo de racismo. Outra coisa é usar algumas palavras, que as pessoas usam como xingamento, pra mim também é um tipo de racismo” (Ntontan).

“O racismo institucional é um racismo velado, é como se fosse uma capa que eles usam e não falam diretamente que é racismo, mas entre eu e uma mulher loira, eles vão sempre escolher uma mulher loira” (Akoben).

“Não sei se saberia descrever os tipos. Mas já ouvi falar, acho que consigo definir: acho que tem diferença do estrutural para o institucional, eu acredito que seja quando a gente pensa em uma pessoa negra com uma classe social mais baixa e pessoas brancas de uma classe social mais alta, geralmente quando a gente pensa em cargo de poder a gente não imagina que uma pessoa negra pode estar nesse lugar, enquanto que quando a gente olha pra classe mais baixa, a grande maioria são negros” (Gye Nyame).

“Sou bem leiga, não sei identificar ou definir ainda” (Akoma Ntoso).

“Conheço o estrutural, institucional e não lembro mais nenhum” (Aya).

“Conheço o institucional, estrutural, religioso, mas não sei definir” (Adinkra Hene).

3. Na pele: como a cor influencia a experiência do racismo?

Ser negro em uma sociedade estruturada pelo racismo é ter seu lugar demarcado, assim como a maneira como será tratado, visto, o modo em como se é construída sua identidade e autodifinição. A branquitude, a partir do processo de escravização e inferiorização do povo negro, se torna então um padrão social superior, a partir do qual se molda o ideal de beleza, intelectualidade, poder, como classe/raça dominante. Na maioria dos estudos nossa história e percepção é contada através do interesse político da cultura dominante - a branca, nos deixando na margem (Kiloma.G, 2019). Essa tem sido a realidade social com o qual a pessoa negra tem que lidar e combater cotidianamente em todos os setores de sua vida, seja no trabalho, no meio acadêmico, na vida social ou no meio familiar.

A hegemonia branca vem como herança da sociedade escravocrata que tenta constantemente introjetar uma imagem inferior no negro, onde para romper barreiras e tornar-se uma exceção ao que se espera e projeta do *ser negro*, precisa-se corresponder à requisitos da branquitude para ser validado, ter que se “passar por branco”, pensar como o tal, ou ter a aparência física, a fala, a atitude e as ações mais parecidas com o branco (Santos.N, 2008). Ser

negro se torna então um estressor inerente à existência cotidiana, onde quanto mais longe do referencial branco se é, mais marginalizado se torna, o sujeito como a personificação do incivilizado, suspeito, exótico, o atrasado, a imagem da escassez intelectual e financeira (Kilomba. G, 2019).

“(...) Eu acho que se eu fosse de cabelo liso, loira, pele clara.. o paciente te vê de outra forma, já acha que você nem é enfermeira, que é médica. Então acho que sim, porque a gente perde a credibilidade, pois o que está em jogo ali, assim que o paciente entra na sala é sua fisionomia, é como ele te interpreta” (Ntontan).

“Acho que a gente luta por mais coisas, acho que a carga horária do residente é muito difícil, a vida de qualquer residente é muito difícil, mas a gente lida com os mesmos problemas que todo residente lida e mais o racismo que a gente sofre sempre, por exemplo com a invalidez da galera” (Aya).

“(...) Querendo ou não, a gente que é mais claro tem mais passabilidade que os retintos” (Aya).

“Com certeza, quanto mais escura é a pele, mais a gente sofre” (Akoben).

“Eu acho que o Brasil tem muitas pluralidades, tem pessoas que são negras, mas que pra muitas pessoas é um negro aceitável, então quanto mais retinta a pessoa é, mais o reflexo do racismo vai atingi-la. O negro aceitável seria ao mais perto do branco possível, então é um negro que tem as características fenotípicas de negro que assim, você olha e diria que é negro, mas a tonalidade da pele dela é mais clara” (Gye Nyame).

(...) Ainda mais nessa questão da autodeclaração, eu acho que a gente ainda pode falar se a pessoa é negra ou não, mas a pessoa retinta com certeza é, então acaba que ela recebe tudo em dobro, minha mãe é mais retinta e minha irmã mais clara, o tratamento das duas é diferente. Tem aquele ditado da régua: "quanto mais preto, pior é a índole dele, pior é o que ele faz, mais perigoso, mais sujo" (Pempamsie).

Com certeza existem algumas questões que a gente fala sobre passabilidade em algumas situações, a pessoa retinta ela é menos validada em relação ao que ela fala, ao que

ela conhece, ao que ela sente, a quem ela é, ela sempre acaba sendo colocada em uma posição inferior em relação a pessoas de pele clara (Nya Abotere).

Ser enfermeiro e negro é ter como experiência diária lidar com a negação do outro em relação ao sua capacidade intelectual e o seu saber científico e prático, ter a sensação das lutas serem maiores e os obstáculos mais difíceis apenas pelo fato de ser negro. Lidar com aspectos do racismo durante as práticas assistenciais e no próprio estabelecimento de saúde, como comentários estereotipados que envolvem nossas características fenotípicas, estéticas, religiosas, culturais. Se preocupar com a estranheza de olhares de colegas de trabalho e dos usuários do sistema de saúde e que seu trabalho é visto e criticado de forma diferente. No entanto, também é saber que ocupando essa posição se tem a oportunidade de ser um frasco de esperança para o outro que compartilha de atravessamentos raciais similares.

“Vejo questões positivas eu acho que pelo fato de ser negro, alguns pacientes, chegarem no consultorio e ficarem rindo sem motivos e eu perceber deles: nossa uma pessoa negra como eu está aqui atendendo(...)” (Gye Nyame).

“Sinto que eu como pessoa negra consigo ter mais empatia com os pacientes negros” (Duafe).

4. O quilombismo como resistência no contexto moderno

Inicio esta categoria citando Alberto Acosta e a Teoria do Bem viver, que traz como objetivo a *“harmonia, reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade entre indivíduos e comunidades,(...) É uma proposta de luta que enfrenta a colonialidade do poder”*(Acosta. A, 2017). Faço destaque a essa teoria, por sua aproximação com o tema central deste estudo, o Quilombismo, sendo ele essa ideologia e um movimento social ancestral inserido no contexto moderno, que busca reafirmar saberes, belezas, crenças, pensamentos e sentimentos herdados de nossos antepassados africanos e fortalecer a comunidade negra em sua luta diária contra o racismo (Nascimento. A, 2019).

A memória é e sempre será um dos aspectos mais marcantes da cultura africana, (re)lembrar atores importantes para que a história seja construída e ressignificada como

estratégia para superar a marginalização. Grada Kilomba (2019), discorre em uma de suas obras, sobre um pensamento de Bell Hooks, escritora e teórica estadunidense, ela cita, “ estar na margem é ser parte do todo, mas fora do corpo principal (2019, p.67) e acrescenta que a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar (...)”(2019,p.68).

“Quilombismo é uma forma de resistência, é uma troca, um apoio, onde a gente pode se estruturar”(Akoben).

É importante que haja a quebra da imposição de inferioridade da estética e intelectualidade da população negra, o movimento quilombista vem para romper com esse estigma e valorizar nossa diversidade nas várias formas de cabelo, cor de pele, traços e feições, assim como a valorização da arte e da educação, como fez Abdias Nascimento, através do Teatro Experimental do Negro (TEN), criado em 1944, visando o protagonismo do povo negro. O Movimento Panteras Negras, também foi um marco importante no enaltecimento da estética negra (Ribeiro. D, 2019).

“(...) É sobre a gente valorizar nossas raízes e nossa cultura e tornar tudo aquilo que a gente tem construído historicamente mais forte hoje em dia” (Nya Abotere).

Kilomba (2019) cita o gesto da “saudação” em que, ao se encontrarem na rua, os negros têm o costume de se saudar com um ‘Oi’ ou sorrirem, acenam com a cabeça e continuam andando, mesmo sem se conhecerem. Ela diz que esse momento é como um ritual coletivo destinado a reparar a experiência histórica de ruptura e fragmentação do povo africano (2019, p.206). Através das entrevistas foi possível a percepção de que para alguns dos Enfermeiros participantes deste estudo, o processo de Residência foi um marco importante para sua relação com a identidade através da realização e participação de aulas e debates sobre racialização da saúde e Saúde da População Negra como parte do planejamento pedagógico do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade.

“Acho que a residência, as aulas, me ajudaram a me descobrir, esse processo da residência, principalmente naquela aula em que foi falado sobre racismo”(Adinkra Hene).

Se entender enquanto parte de uma comunidade, transformando sua relação com os colegas[aqueles autodeclarados negros] de turma em um quilombo, ainda que alguns dos

residentes participantes não soubessem definir o quilombismo - cerca 57% dos entrevistados - é possível perceber em suas falas, que os mesmos vivem a filosofia, mesmo sem de fato nomeá-la, destaco então algumas das respostas à pergunta “Como se sente quando está entre pares, isto é, pessoas negras?”

"Coisa linda (risos), me sinto em paz, podendo ser quem eu sou, sem ter que pensar pra falar, para agir, posso ser eu. Me sinto acolhida, principalmente (Aya).

“Muito bem, me sinto assim, 'estamos ocupando espaços', estamos juntos nesse momento, nessa luta, então eu me sinto mais à vontade quando estou nesses espaços(...)”(Ohen Adwae).

“Me sinto bem, segura, tranquila, "tô com meu bonde" (Sankofa).

“Me sinto muito confortável, eu descobri isso porque na adolescência, como eu estudava em escola privada, eu era completamente diferente do meu grupo de amigos, me sentia muito desconfortável, achava que pessoas de fora não iriam querer me conhecer, estar no mesmo meio que eu, por não ter o mesmo padrão de vida deles, e aí de uns anos pra cá eu comecei a frequentar samba, samba raiz, e falei "caraca aqui é meu lugar" e isso ficou muito marcado pra mim, me sinto em casa”(Ntontan).

5. Do pensamento a (re) ação: caminhos para enfrentar o Racismo

Em sua obra *Lugar de Negro*, Lélia González (1982), traz um trecho do primeiro documento do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, “Não podemos mais calar. A discriminação racial é uma fato marcante na sociedade brasileira, que barra o desenvolvimento da comunidade afro-brasileira, destrói a alma do homem negro e sua capacidade de realização como ser humano”(1982, p.55). Para além de combater o racismo intrínseco às relações humanas, se faz necessário ser antirracista e isso se torna possível através da conscientização racial. Apenas entendendo seu papel diante do todo é que se compreende de que maneiras é possível lutar. Diante das dimensões da secular desigualdade, da violência e do trauma colonial o negro passou a reagir, ao invés de agir e até mesmo evitar a reação, esse último, fruto da fadiga e esgotamento de viver e ver as mesmas situações, que muitas vezes parecem ser maiores do que o alcance da nossa luta (Santos.N, 1983).

“Confesso que já fui mais falante, de evidenciar as coisas, de lutar mais por isso, de direitos e tal de conquistar espaços, mas hoje, acho que muito por isso assim, da mente não estar muito boa, eu vou só vivendo, um dia atrás do outro sem pensar muito, por que se a gente pensar...aquele ditado: ‘prego que se destaca, leva martelada’, então não sei se hoje, no momento tenho evidenciado mais o racismo não” (Aya).

“A gente passou por uma situação lá na minha unidade, que eu descobri que eu não sei lidar, eu saí da mesa e me isolei, porque me deu muita vontade de chorar” (Ntontan).

Uma das formas que mais se evidenciaram durante as entrevistas, quando questionado sobre enfrentamento ao racismo foi estudar mais, para não dar margem ao erro ou acusações, esse pensamento reflete a pressão social e intelectual que o racismo exerce sobre a população negra, onde para ser visto como competente, na tentativa de e se retirar do estereótipo do mito negro (Fanon.F, 1952), o negro precisa a todo momento provar ‘seu valor’ enquanto ser humano. Outra percepção sobre o enfrentamento ao racismo citada pelos entrevistados foi se colocar no papel de explicar sobre o racismo.

“(...)parece que enquanto preto a gente tem que estar sempre estudando, sempre com a palavra na ponta da língua, pra simplesmente contra-argumentar diversas situações de racismo que a gente enfrenta no dia a dia, as vezes a gente não tá nem com cabeça para isso, mas tem sempre que estar "a ponto de bala" pra enfrentar o dia a dia” (Sankofa).

“Acho que varia muito do momento, se eu ver que é uma situação que é mais velada eu ja tento mostrar que tenho conhecimento, tento mostrar que sou negro, mas estudei, que isso não é uma coisa que define a pessoa” (Gye Nyame).

“Acaba que no trabalho fica muito velado e pontual, acho que minha personalidade é muito de não dar motivo, quebrar a expectativa daqueles que estão esperando o erro ou algo para pegar no pulo” (Pempamsie).

Um dos principais marcos da luta antirracista no âmbito da saúde é a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) que vem para definir e traçar estratégias para melhorar as condições de saúde, incluindo ações de cuidado, atenção, promoção à saúde e

prevenção de agravos, além da participação popular, formação e produção de conhecimento, para fortalecer a equidade em saúde da população negra (Brasil, 2019). Enquanto profissional de saúde, ser antirracista é pensar em práticas que visem a diminuição da iniquidade e desigualdade racial, reconhecendo a o racismo institucional como determinante social de saúde. A formação em saúde baseada na promoção da equidade racial é uma das diretrizes da PNSIPN , sendo urgente que profissionais da saúde, independente de qual grupo racial faça parte, tenham um olhar aguçado para diminuir a iniquidade e ampliar o acesso à saúde dessa população (Brasil, 2019).

E como nós, enquanto enfermeiros, residentes em Enfermagem de Família e Comunidade podemos fortalecer a luta antirracista e melhorar as condições de saúde da população negra? A presença de profissionais de enfermagem negros afeta diretamente a população assistida, estando inseridos na mesma realidade sociocultural, as práticas de cuidado se moldam, assim como o olhar e a perspectiva sobre como a raça participa da construção da saúde de alguns usuários, tornando o acesso à saúde uma porta de entrada também para o combate ao racismo (Santos,F.B.O.*et al*, 2020).

“Dentro do espaço de trabalho por exemplo: eu nunca deixo de preencher o quesito raça-cor e minimamente tentar abordar isso com os usuários, levar o tema para o território” (Wawa Aba).

“Eu acho que pensando em duas coisas: fornecendo um cuidado de equidade, entendendo que uma pessoa negra precisa de um olhar diferenciado de cuidado, a ela é imposta a vulnerabilidade, então enfrento o racismo no meu dia a dia pensando nisso” (Akoma Ntoso).

“De uma certa forma acho que afeta, com os pacientes, por eles conseguirem se identificar um pouco mais comigo, uma população majoritariamente negra, feminina, então, acabo tendo essa certa proximidade com os pacientes por conta disso” (Wawa Aba).

“O fato de lidar com os pacientes, que não estão acostumados a ter o atendimento e tratamento vindo de uma pessoa preta, e acho que se a gente for mais inserido, eles vão se sentir melhor” (Akoben).

“Onde eu trabalho a população é basicamente negra e você se encontrar ali faz diferença na experiência deles” (Fafanto).

CONCLUSÃO

O Quilombismo representa não apenas um movimento social, mas resistência cultural, ancestral e identitária que transcende o tempo, exercendo um papel fundamental na consciência histórica do negro (Nascimento, B.1985). Se caracteriza como uma ferramenta de resistência que nos possibilita acessar uma herança, identidade e força que por muitos anos vem sido negada a nós. Os relatos compartilhados durante a pesquisa é possível perceber o quanto estar em comunidade, estar entre pares, fortalece o enfrentamento ao racismo individual e coletivamente.

O racismo institucional evidencia a estrutura de opressão presentes em todas as camadas da sociedade, principalmente nas instituições políticas, econômicas, educacionais e jurídicas, perpetuando a desigualdade racial e os privilégios do grupo racial dominante (Kilomba, G. 2019). A cor da pele e a raça vão além de uma característica biológica, mas sim critério para distribuição de pessoas por na hierarquia social, deixando à margem aqueles que não se enquadram no padrão do grupo social dominante (Santos, N.S, 2008).

O enfrentamento ao racismo se inicia com a consciência racial e a compreensão da sua extensão e complexidade, discutir sobre as formas de expressão e enfrentamento é uma discussão estrutural de transformação cultural e social, que nos permite traçar ações e estratégias para diminuir os estressores e traumas causados por essa violência (Santos. N.S, 1983)

Atuar na Atenção Primária é perceber que a presença de profissionais de saúde negros pode fazer diferença no cuidado em saúde que é ofertado ao usuário, compreendendo as vulnerabilidades específicas da população negra, por estar inserido no mesmo contexto socio cultural, favorecendo a equidade em saúde que por muitas vezes é negligenciada em decorrência do racismo enraizado no sistema (Santos,F.B.O,2020).

DICIONÁRIO ADINKRA

DICIONÁRIO ADINKRA



NYA ABOTERE

Aparecendo frequentemente nos colares/terços produzidos pelos AXANTES para o mundo todo, este ADINKRA simboliza calma, paciência e perfeição, essenciais para a confecção das peças.



AYA

"Somos como samambaia que não depende da caridade da chuva ou do Sol". Este é o provérbio que traz a ADINKRA da RESISTÊNCIA, uma prova da força e do direito dos povos africanos.



AKOMA NTOSO

O ADINKRA dos corações ligados foi muito utilizado durante a diáspora, especialmente no Norte do país e no Caribe, como representação da união entre os que vieram e os que ficaram.



OHEN ADWAE

Símbolo da autoridade sagrada, o banco do rei é a ADINKRA que acompanha os grandes comandantes AXANTES.



ADINKRA HENE

Símbolo da grandeza e da liderança, o ADINKRAHENE representa aquele que é senhor de si mesmo e irradia sua força para os demais.



SANKOFA

"Nunca é tarde para voltar atrás e buscar o que ficou perdido" diz o provérbio que dá significado ao SANKOFA. Esta ADINKRA representa o valor do passado e a necessidade de valorizar raízes.



ANANSE-NTONTAN

Símbolo da criatividade e da sabedoria, o ADINKRA da teia de aranha é inspirado no DEUS ANANSE, o contador de histórias da mitologia que teria ensinado o homem a tecer mensagens.



AKOBEM

O punho erguido que corta é o ADINKRA que traz o alerta de vigilância e prontidão, para que todos estejam prontos para lutar contra o que vier.



WAWA ABA

A semente da árvore africana WAWA ABA é o ADINKRA que representa a dureza, a força e a perseverança contra o adverso, por conta de sua casca inquebrável.



GYE NYAME

"Somos a presença de Deus" diz o provérbio que traz a ADINKRA que representa o divino que há em nós, a dádiva que carregamos desde os tempos ancestrais.



PEMPAMSIE

O ADINKRA da prontidão traz o elo de uma corrente, simbolizando a união para a luta, a proteção entre os irmãos negros de pronto.



DUAFE

O pente de ferro é a ADINKRA que nos traz o cuidado com a beleza e a limpeza dos cabelos como forma de mostrar a realeza e supremacia da raça.



FAFANTO

O ADINKRA da borboleta nos traz a honestidade como valor primordial para a vida. Segundo ele, a borboleta não sorve a flor que não seja dela.



AKOKONAN

"A galinha não mata os pintinhos" diz a ADINKRA que nos traz o costume dos mais velhos em cuidar dos mais novos e ensiná-los para que a vida não o faça.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural: Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 11.129, de 30 de Junho de 2005. Institui a **Residência em Área Profissional de Saúde e cria a Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde - CNRMS**.

Cadernos de Promoção da Saúde. Racismo faz Mal à Saúde. Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://subpav.org/aps/uploads/publico/repositorio/Cadernos_de_Promoc%CC%A7a%CC%83o_da_Sau%CC%81de_-_Racismo_faz_Mal_a_Sa%C3%BAde.pdf Acesso em Dezembro, 2023.

DUARTE, C.L.; NUNES, I.R. **Escrevivência: a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONZALES, Lélia; Hasenbalg, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro, Marco Zero (Coleção 2 Pontos, vol.3), 1983.

KILOMA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Cobogó, 2019.

MACHADO, Maria Helena. **Perfil da enfermagem no Brasil**. Rio de Janeiro: COFEN, Fiocruz, 2017.

Manual do Residente. Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade. Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://sigaenf.subpav.org/node/1010>

MILENA, Lilian. **“Kabengele Munanga, o antropólogo que desmistificou a democracia racial no Brasil”**. Carta Maior, 2019. Disponível em: www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Kabengele-Munanga-o-antropologo-que-desmistificou-a-democracia-racial-no-Brasil/5/44091 Acessado em Dezembro, 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/estrategia-saude-da-familia/legislacao/politica-nacional-atencao-basica>

[2012.pdf/](#) Acessado em Novembro, 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.** Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3_d.pdf Acessado em Dezembro, 2023.

MORAES, J.D.M, **A filosofia ubuntu e o quilombo: a ancestralidade como questão filosófica.** Rio de Janeiro: Revista África e Africanidades – Ano XII – n. 32, nov. 2019. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/documentos/0320112019.pdf> Acesso em 27 Junho 2023.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo.** São Paulo: Editora Perspectiva, Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras.** Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; Gá, Luiz Carlos(org.). **Adinkra: Sabedoria em símbolos.** Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

OLIVEIRA, L.S. **O Quilombismo: Uma expressão da filosofia política Afroperspectivista.** Rio de Janeiro: UFRJ 2019. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/62a5/ca62a1682ef7a9bcb556311c6ee66b48973a.pdf> Acesso em 25 Junho 2023

PEREIRA, P.F. **Homens na enfermagem : atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional.** Rio Grande do Sul: UFRGS 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13069> Acessado em Novembro, 2023.

PINHEIRO, F.T.S; OLIVEIRA, V.R; SILVA, J.P.X; LEITE, J.C.S; TAVARES, N.B.F; NASCIMENTO, J.A.Q. **A residência em saúde da família e comunidade no fortalecimento do Sistema Único de Saúde.** Fortaleza: Escola de Saúde Pública do Ceará, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1436955> Acessado em Novembro, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019

SANTOS, F.B.O; RABELO, A.R.M; FRANÇA, B.D; CARREGAL, F.A.S; MARQUES, R.C; SILVA, K.L. **Mulheres negras na história da enfermagem: a competência cultural na trajetória de Maria Barbosa Fernandes.** Minas Gerais. Revista Brasileira de Enfermagem, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cqdMjT4ky7jtGDKZ677TvyS/?lang=pt&format=html#ModalTutorss1> Acessado em Novembro, 2023.

SANTOS, V.J.O; COSTA, J.G; BRANDÃO, F.A.M; SANTOS, O.P; MORAES, M.F. **A importância das mulheres negras na enfermagem do brasil e do mundo.** Distrito

Federal, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/midias/biblio-1509355> Acessado e Novembro, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021

VITAL, A.F.S. **Insubmissas Lágrimas da Enfermagem: Um relato de escrevivência na Atenção Básica.** Trabalho de Conclusão de Residência; Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade. Rio de Janeiro, 2022.

KILOMA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: É TEMPO DE AQUILOMBAR: VIVÊNCIAS DE ENFERMEIROS NEGROS EM UM PROGRAMA DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.

Objetivos do estudo: Analisar o quilombismo como resistência ao racismo institucionalizado no contexto de um Programa de Residência do Município do Rio de Janeiro.

Período da coleta de dados: Setembro à Novembro de 2023.

Tempo estimado para a coleta: a entrevista levará cerca de 30 minutos.

Local da coleta: Cede PREFC - Otics Centro, Rio de Janeiro

Pesquisadora/Orientadora: Cristiane Teixeira da Silva Vicente Telefone:(21) 96498-3705

Pesquisadora/Residente do 2º ano: Yasmin de Oliveira Merquides Telefone:(21)99806-0864

Procedimentos do estudo: O (a) Sr (a) está sendo convidado (a) para participar voluntariamente da pesquisa e objetivo acima intitulados. Sua participação não é obrigatória e consistirá em responder um questionário da história pessoal e profissional, além de um roteiro de entrevista semiestruturado, com média de 20 a 30 minutos de aplicação, onde haverá gravação para que os dados sejam fidedignos.

Aceitando participar do estudo, será respeitado o tempo de cada um para respondê-lo. Informamos que o (a) profissional pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo, bastando informar sua decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa. Suas respostas serão tratadas de forma anônima, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo, sua privacidade será assegurada, uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória por um código, estes assegurados pela Resolução nº 466/2012, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos do CNS-Conselho Nacional de Saúde, podendo o (a) senhor (a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Para tanto, esclarecemos também os procedimentos e riscos, a saber:

Para aqueles que aceitaram participar da pesquisa, a coleta de dados se realizará por meio de entrevista realizada de forma presencial e individual através de questionário semiestruturado, onde haverá gravação para que os dados sejam fidedignos.

Riscos: Os riscos desta pesquisa são moderados, podendo ocorrer o constrangimento ao

responderem os instrumentos de coleta de dados, uma vez que alguns itens têm relação com experiências pessoais. Perda da confiabilidade dos dados e este risco será amenizado pela privacidade mantida, não sendo divulgados os dados pessoais dos profissionais participantes. Caso ocorra constrangimento, a coleta de dados será interrompida e o participante poderá escolher outro momento para estar respondendo os instrumentos. Em caso de dano comprovadamente oriundo da pesquisa você terá direito a indenização através das vias judiciais, como dispõe o Código Civil, o Código de Processo Civil e a Resolução no 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Benefícios: As suas opiniões serão analisadas pelos pesquisadores e contribuirão para a compreensão para a produção e construção do conhecimento acerca do quilombismo como resistência ao racismo institucionalizado no contexto de um Programa de Residência do Município do Rio de Janeiro. Os dados coletados serão mantidos permanentemente em um banco de dados de pesquisa, com acesso restrito, para utilização em pesquisas futuras por 05 (cinco) anos. Você receberá uma via deste termo onde consta os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP e do pesquisador responsável, podendo eliminar suas dúvidas sobre a sua participação agora ou a qualquer momento. Caso concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma sua e a outra do pesquisador responsável.

Custos para os participantes: Não haverá custos para você caso decida participar deste estudo, tampouco receberá algum tipo de pagamento. Diante de tudo o que até agora fora demonstrado, declaro que todos os procedimentos metodológicos e os possíveis riscos, detalhados acima, bem como as minhas dúvidas foram devidamente esclarecidos, sendo que para tanto, permito a utilização das informações colhidas e firmo ao final a presente declaração em duas vias de igual teor e forma ficando na posse de uma e outra sido entregue ao pesquisador responsável. Fica esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não haverá nenhuma remuneração, bem como o (a) profissional (a) não terá despesas para com a mesma.

Em caso de dúvidas, sugestões ou denúncias, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Telefone: 2215-1485

End: Rua Evaristo da Veiga, 16. 4º Andar- Centro - RJ

CEP: 20031-040

E-mail: cepsms@rio.rj.gov.br ou cepsmsrj@yahoo.com.br

Yasmin de Oliveira Merquides
Pesquisador Responsável
Email: yasminolivv@gmail.com - Tel: (21)99806-0864

Eu, _____, portador do documento _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**É TEMPO DE AQUILOMBAR: VIVÊNCIAS DE ENFERMEIROS NEGROS EM UM PROGRAMA DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.**”

desenvolvidas na Atenção Primária à Saúde na abordagem ao quilombismo como resistência ao racismo institucionalizado no contexto de um Programa de Residência do Município do Rio de Janeiro, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2023.

O(a) _____
declara apoio à realização do projeto de pesquisa intitulada: **“É TEMPO DE AQUILOMBAR: VIVÊNCIAS DE ENFERMEIROS NEGROS EM UM PROGRAMA DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO”** sob responsabilidade do(a) pesquisador(a) **Yasmin de Oliveira Merquides, Residente de enfermagem do segundo ano do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro(PREFC-SMSRJ).**

Ciente dos objetivos, dos procedimentos metodológicos e de sua responsabilidade como pesquisador da referida Instituição Proponente /Coparticipante, concedemos a anuência para o seu desenvolvimento.

Este termo de anuência está condicionado aos cumprimentos das determinações éticas normatizadas pelas Resoluções CNS/MS nº 466/2012, 510/2016 e 580/2012 e às resoluções complementares relacionadas ao objeto de pesquisa. O projeto somente poderá ter início nesta Instituição mediante sua aprovação prévia e documental pelo Comitê de Ética em Pesquisa da SMS-RJ.

Conforme seus artigos, em especial os artigos 6º e 7º da Resolução CNS/MS nº 580/2018, a pesquisa realizada em instituição integrante do SUS não deverá interferir nas atividades profissionais dos trabalhadores no serviço, exceto quando justificada a necessidade, e somente poderá ser executada quando devidamente autorizada pelo dirigente da instituição. A pesquisa que incluir trabalhadores da saúde como participantes deverá respeitar os preceitos administrativos e legais da instituição, sem prejuízo das suas atividades funcionais.

Solicitamos que, ao concluir o estudo, o pesquisador responsável apresente o relatório final da pesquisa para o(s) gestor(es) da instituição onde se desenvolveu o estudo.

No caso do não cumprimento dos termos acima explicitados, a Instituição "anuenta" tem desde já liberdade de retirar esta anuência a qualquer momento, sem incorrer em qualquer forma de penalização.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2023.

Assinatura e Carimbo do Responsável pela Instituição

ANEXO C -
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista

1. Entrevista Semi-Estruturada - Parte 1 História pessoal e profissional

- Idade:
- Quesito raça/cor:
- Estudou em uma universidade pública?
- Você ingressou na universidade através de alguma outra Política Pública de acesso à educação?
- Na sua família existem pessoas com ensino superior?
- Você mora ou já morou em comunidade?
- Você utiliza a bolsa mensal da Residência como principal fonte de renda?
- Em que área programática você atua?
- Leva mais de 1 hora no percurso entre sua casa e a Unidade de Saúde em que trabalha?
- Na unidade onde você atua, quantos profissionais de nível superior são negros?
- Você acha que a resposta acima afeta sua experiência enquanto enfermeiro e residente?
- Você já participou de debates que trouxeram o quesito raça/cor como determinante de saúde?
- Quantos residentes negros do programa você conhece ?
- Quantos preceptores negros você conhece?

1) Entrevista Semi-Estruturada - Parte 2 Conhecimentos sobre racismo institucional e quilombismo:

1. Como você define o racismo?
2. Você consegue identificar o racismo no seu dia a dia?
3. Quais os tipos de racismo você conhece?
4. Você sabe o que é racismo institucional?
5. Você sente que sua experiência enquanto residente é diferente devido a sua raça/cor?
6. Você acha que pessoas de pele de tonalidade mais escura, “retintas”, sentem mais os reflexos do racismo cotidiano?
7. Que maneiras você utiliza para enfrentar o racismo dentro do espaço de trabalho e do espaço acadêmico?
8. Como você se sente quando está entre pares, isto é, pessoas negras?
9. Você já ouviu falar em Quilombismo? Se sim, você consegue descrever?
10. Você percebe o quilombismo como ferramenta de resistência ao racismo?

ANEXO D - DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DE CUSTOS

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa SMS/RJ,

Declaro para os devidos fins que a pesquisa intitulada “É TEMPO DE AQUILOMBAR: VIVÊNCIAS DE ENFERMEIROS NEGROS EM UM PROGRAMA DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO”, não acarretará custos para a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Todos os custos serão de responsabilidade da pesquisadora YASMIN DE OLIVEIRA MERQUIDES, aluna do Programa de residência em família e comunidade - Secretaria Municipal do Rio de Janeiro, responsável pela pesquisa.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do pesquisador responsável

TABELA 2 - ORÇAMENTO

ORÇAMENTO		
MATERIAL	QUANTIDADE	VALOR
Transporte		
Passagens de Ônibus	10	R\$ 430,00
Material para Entrevistas		
Caneta esferográfica preta	Caixa	R\$ 45,90
Folha de papel A4	Resma	R\$ 15,99